

**OFICINAS DE FORMAÇÃO EM PALHAÇARIA HOSPITALAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PALHAÇO:
um relato de experiência**

**HOSPITAL CLOWN TRAINING WORKSHOPS IN THE CONSTRUCTION OF THE CLOWN IDENTITY:
an experience report**

Jacqueline do Carmo Reis¹
Maria Gabriela Prandini Nunes Cota²

RESUMO

O presente relato busca analisar de forma descritiva os aspectos abordados em oficinas de formação em palhaçaria, que são cruciais para a formação e desempenho de um palhaço de hospital, trazendo a experiência do Projeto PUC Dá Alegria na capacitação dos extensionistas. Este relato de experiência das oficinas de formação em palhaçaria do Projeto foi alicerçado em pesquisa nas bases de dados, relatos de casos e livros relevantes na área. O palhaço do ambiente hospitalar deve saber lidar com inúmeras situações que abordam o aspecto psicológico e social de um paciente. A maneira de se comportar, a forma de se conseguir o riso, o processo de atuação e a transição entre os paradoxos cômicos são itens a serem explorados. A capacitação em palhaçaria fornece meios de aprimorar a imaginação do ator palhaço e seu comportamento perante os pacientes. Por isso, reforça-se a necessidade de voluntários e demais participantes participarem de oficinas, para uma melhor troca de aprendizado e experiências, que configurem a identidade do palhaço.

Palavras-chave: Palhaçaria. Identidade. Hospital. Capacitação Profissional.

ABSTRACT

This report seeks to analyze in a descriptive way the aspects addressed in clown training workshops, which are crucial for the training and performance of a hospital clown, bringing the experience of the PUC Dá Alegria Project in the training of extension workers. This experience report of the clown training workshops in the Project was based on research in databases, case reports and relevant books in the area. The clown in the hospital environment must know how to deal with numerous situations that address the psychological and social aspect of a patient. The way of behaving, the way of achieving laughter, the acting process and the transition between comic paradoxes are items to be explored. Training in clowning provides a means of improving the clown actor's imagination and behavior towards patients. Therefore, the need for volunteers and other participants to participate in workshops is reinforced, for a better exchange of learning and experiences, which configure the clown's identity.

Keywords: Clowning. Identity. Hospital. Professional Training.

¹Mestre em Educação em Diabetes (Santa Casa). Especialista em Fisioterapia Neurológica (UFMG). Docente de Fisioterapia da PUCMG. Betim, MG. E-mail: jacreisfisio@hotmail.com.

²Graduanda em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Betim). Extensionista do Projeto PUC Dá Alegria. E-mail: lelaprandini@hotmail.com.

Introdução

A dor é inerente à feição humana, um caráter evolutivo que os indivíduos adquiriram para compreender o que lhes convém ou não, para sobreviverem na natureza. Pode-se dizer que a dor é um dos temas mais estudados pela sociedade, pois causa inúmeros desejos, como a cessação do sofrimento e a busca pelo prazer. Nesse sentido, a busca pelo alívio do sofrimento adquiriu inúmeras esferas, como a espiritual, a artística e a científica. Essas áreas se complementam, tendo em vista a complexidade humana e a necessidade básica de completude (HANH, 2016). Thich Nhat Hanh, autor do livro **Sem Lama não há Lótus: a arte de transformar o sofrimento** (2016) afirma que o sofrimento e a felicidade são transitórios, características subjetivas que podem coexistir mesmo com a dor e o prazer.

A palhaçaria se insere nesse meio como uma alternativa de transformação do sofrimento. Os palhaços atuam de forma caricaturizada, promovendo a dualidade riso e choro, belo e feio, distinto e ridículo. Dessa forma, é considerada uma forma de arte, que se une à ciência e à espiritualidade. Assim, a ação do palhaço cresce no ambiente hospitalar, devido ao vínculo criado com o público, para abordar questões que os assolam por meio da ressignificação do trágico (FERREIRA, 2021).

A figura do palhaço já era atribuída ao humor, à filosofia e à cura em 4.500 a.C. Mas, apenas em 1986, adquiriu seu caráter profissional, com palhaços treinados e habilitados para atuar especificamente em hospitais. Os pioneiros da palhaçaria profissional no Brasil foram os Doutores da Alegria, um grupo formado por artistas cênicos, que, desde 1991, atua e fornece cursos de capacitação (SILVA, 2022). A partir de então, inúmeros grupos de pessoas que encenam como palhaços surgem, junto a pesquisas que estudam seus impactos para os pacientes e profissionais de saúde. Somado a isso, com a difusão dos princípios da palhaçaria, a imagem do palhaço vem sendo usada para terapias, como a palhaçoterapia, além de que muitos voluntários, mesmo sem formação profissional, trabalham nos centros de saúde (CATAPAN, 2019).

O PUC Dá Alegria surgiu como um projeto de extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em 2015, com a intenção de inserir os estudantes da área da saúde no contexto hospitalar, em Instituições de Longa Permanência (ILPI) e Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Desde então, promove o bem-estar e a recuperação da saúde dos pacientes e dos idosos institucionalizados, por meio do riso e de um cuidado baseado no conceito ampliado de saúde.

No ano de 2022, foram selecionados 30 discentes para participarem do projeto. Eles reconheceram a importância da extensão universitária na formação acadêmica e a necessidade de uma atuação responsável. Nessa prática, os extensionistas participaram de oficinas de formação em palhaçaria, antes do início das atividades de campo, visando um melhor aproveitamento do processo de atuação e do ato de cuidado que o palhaço provê. O aperfeiçoamento das habilidades através da capacitação em palhaçaria promove novas oportunidades de conhecimento nessa arte, a fim de preparar os alunos para a atividade de campo.

Nesse sentido, o presente trabalho visa relatar e analisar a experiência em oficinas de capacitação em palhaçaria do Projeto PUC Dá Alegria, para a atuação de extensionistas como palhaços de hospital, prática importante, tendo em vista o processo de adoecimento e a fragilidade das pessoas nos hospitais.

2 Metodologia

Este texto é um relato de experiência realizada em oficinas de formação em palhaçaria, nos meses de abril e maio de 2022, para os alunos do projeto PUC Dá Alegria. Seu suporte bibliográfico são artigos, livros e relatos sobre o assunto em bases de dados indexados LILACS, PubMed, Periódicos CAPES, na BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e em revistas próprias de faculdades. Utilizaram-se os descritores: “Palhaço”, “Hospital”, “Terapia” e “Oficinas de capacitação”. Foram selecionados textos de 1969 a 2022.

Foram realizadas duas oficinas, na PUC Minas em Betim, com carga horária de oito horas cada, ministradas por dois palhaços com larga experiência em palhaçaria de hospital. Participaram das oficinas todos os alunos selecionados para o projeto no 1º semestre de 2022, além da professora coordenadora. As oficinas foram divididas em um momento teórico e uma parte prática com orientações sobre o vestuário, a maquiagem, o papel do palhaço de hospital, formas de abordagem e um trabalho de técnicas corporais.

3 Discussão e resultados

As oficinas em palhaçaria hospitalar surgiram como uma forma de profissionalização. Elas são necessárias para voluntários, palhaços, noviços e profissionais, já que nelas há troca de experiências entre os atuantes, com orientações sobre biossegurança e instruções para a criação da identidade do palhaço de hospital. Nelas, a imagem do palhaço circense é desconstruída, de forma representativa e visual (CATAPAN, 2019).

Os alunos do Projeto PUC Dá Alegria participaram de duas oficinas de capacitação em palhaçaria, visando prepararem-se para a ida a campo (Figura 1). A capacitação proporciona mais protagonismo e autonomia ao aluno, que desenvolverá a capacidade de resolver desafios que surgem durante as visitas nas instituições. O processo formativo dos extensionistas favorece a qualidade da experiência vivenciada no campo e incentiva uma formação que vai além de questões puramente técnicas e teóricas (SILVA, 2013).

Figura 1 - Foto da Primeira Oficina de Palhaçaria



Fonte: Acervo das autoras, 2022.

A extensão universitária possibilita aos discentes esses momentos de aprendizagem que saem do eixo pedagógico clássico, conforme a sala de aula e a relação aluno/professor, como único espaço passível de conhecimento. Esses espaços de formação ressaltam a importância da transdisciplinaridade e geram novas oportunidades, construindo e trazendo algo novo para os futuros profissionais da saúde (SILVA, 2020). Em um ambiente descontraído, alunos de cursos de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem, Psicologia, Biomedicina e Medicina Veterinária compartilharam vivências lúdicas e prazerosas, que possibilitaram potencializar a criatividade de cada um e ampliar habilidades através de atividades artísticas.

As oficinas de palhaçaria hospitalar ensinam a forma adequada de como um palhaço deve se comportar durante uma intervenção. Os palhaços de hospital se vestem com jaleco e cumprem as normas de biossegurança do ambiente. Além disso, a maquiagem não pode ser

extravagante, deve realçar as características da própria pessoa, destacando as sobrancelhas de preto, deixando as bochechas marcadas e utilizando batom vermelho (Figura 2). Seus brinquedos e adereços devem ser escolhidos com cuidado, para não causar medo ou atrapalhar o ambiente pelo excesso de barulho. O palhaço do hospital é uma imitação do médico, mas feito de maneira a busca desconstruir a figura rígida e que torná-la mais humana (SILVA, 2022).

Figura 2 - Roupas e brinquedos de palhaços de hospital



Fonte: Acervo das autoras, 2022.

Nas oficinas de capacitação, foi possível entender melhor os motivos de cuidado com o figurino e com a personalidade do palhaço do hospital, que se diferencia do palhaço circense em seu exagero (Figura 3). Isaacs (2021) explica que muitas crianças possuem medo de

palhaço, talvez por causa da ambiguidade de seu visual, que remete a pessoas disfarçadas: rostos pintados semelhantes a máscaras e sorrisos fixos que lembram filmes de terror.

O mesmo autor ainda confirma sua explicação, tomando como exemplo o figurino do médico Hunter Doherty Adams, também conhecido como Patch Adams: “...ele acreditava em compaixão e humor. Utilizava um nariz vermelho e é muito famoso por ser o primeiro médico palhaço.” (ISAACS, 2021, tradução nossa). A importância do Patch Adams também foi ressaltada pela sua flexibilização médica, por fugir dos termos científicos e tratar os pacientes de forma acolhedora, com cuidado (BUHRING, 2019). A figura do palhaço de circo pode, por vezes, causar medo. Esse sentimento pode estar relacionado ao fato de não conseguirmos ver as expressões de pessoas maquiadas. No que tange ao palhaço de hospital não podemos perder essa humanidade, sendo por isso sua imagem relacionada a alegria e redução do estresse:

A transformação da rotina hospitalar proporcionada pelo palhaço, evidenciada pelos participantes da pesquisa, já foi confirmada em alguns estudos, que também associam a imagem dessa figura à alegria, redução do estresse e ansiedade, descontração e tranquilidade, auxiliando na recuperação de crianças internadas. Tem sido afirmado que a arte de fazer rir, como função social, passa por um processo de transformação, inserindo-se como uma alternativa para se firmar no hospital (MOTA, 2012, p. 30).

Entre as estratégias das oficinas, ocorre o processo de escolha do nome extensionista em sua atuação como palhaço. Durante as duas oficinas, ministradas por dois experientes artistas de hospital, que se empenharam em transmitir esse conhecimento da arte de palhaçaria, foi realizado o “batismo” dos novos participantes. No processo de batizado, o nome é escolhido pelo palhaço mais velho, que o faz orientado por características físicas, de personalidade, habilidades e gostos da pessoa. Inicialmente, muitos extensionistas não gostaram de seus nomes, mas logo entenderam como ele fazia parte da construção da sua imagem como palhaço de hospital, conforme o seguinte depoimento:

Batizaram-me de Chupadinho, e a aluna da oficina que me batizou disse que esse nome fazia referência à minha magreza; ela dizia que eu era tão magro como se fosse chupado, por isso decidi que seria Chupadinho. Desde a minha infância, eu era tachado de magrelo [...] e de fato, eu nunca me relacionei bem com minha magreza. A minha indignação maior teve fim na oficina Palhaços, na qual percebi que deveria trabalhar esse problema. [...] De lá para cá, rebatizei o meu palhaço de Chupadinho de Oliveira Camarguim - Oliveira, por parte de pai, e Camarguim, por parte de mãe. Dessa forma, sinto-me parte de uma família com história para contar. Quando era apenas Chupadinho, não conseguia ver as referências do nome, faltava-me algo, e os sobrenomes vieram a calhar. (CAMARGO, 2012).

Figura 3 - Maquiagem de palhaço de hospital



Fonte: Acervo das autoras, 2022.

Nessa vivência das oficinas, as atividades realizadas tinham como objetivo levar o aluno a captar o que possui de ridículo em suas atitudes e maneira de agir (Figura 4). O palhaço está sempre nesse estado de tolice e ingenuidade, sendo exatamente isso que desperta o sorriso no público, pois, conforme descreve Puccetti, (2007), ele “não é um personagem, mas a dilatação da ingenuidade e do ridículo de cada um de nós, revelando a comicidade contida em cada indivíduo”.

A palhaçaria hospitalar, como dito anteriormente, é um tipo de arte. Ela busca construir relações saudáveis junto aos pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde e se enquadra nas artes cênicas, já que manifesta formas de expressão e representação de sentimentos. Assim como no teatro e na palhaçaria circense, há uma plateia; porém o palhaço do hospital transforma o paciente em protagonista, e a sua realidade, em palco. Isso quer dizer que, no hospital, o palhaço se encontra em nível de igualdade com o paciente, por desfazer hierarquia de poder e por se colocar como um telespectador, diante da condição do doente. Além disso, essa inversão de papéis faz com que o protagonista também se utilize da imaginação, a ferramenta principal do palhaço (CAIRES, 2014).

Figura 4 - Atividades em grupo de atuação



Fonte: Acervo das autoras, 2022.

Dessa forma, a imagem e a ação fazem parte da rotina do palhaço do hospital, não apenas para a construção do personagem, mas para atuar e intervir de forma empática na vida do paciente, de acordo com a sua realidade socioeconômica e psíquica. O palhaço hospitalar, é o retrato da sociedade, diversificada, mas dotada de expressividade e individualidade. Por isso, exercícios, como o de prontidão, são utilizados em capacitações. Eles são responsáveis por treinar a percepção do real e gerar estados de mutabilidade — o de contração, angústia; o de expansão, prazer. O treinamento aguça a improvisação, possibilitando que o indivíduo seja adequado a cada situação, de forma única (HERMIDA, 2012).

Pode-se dizer que a ação do palhaço é o que permite a mutabilidade, o que causa o paradoxo da felicidade, mesmo em momentos de dor. Nesse sentido, a dualidade antagonista também faz parte da imagem do palhaço, tanto que ensinam nas oficinas que palhaços atuam em duplas.

A dupla mais comum de palhaços é a do Branco e do Augusto: os dois encenam de forma cômica, com suas personalidades distintas. Branco é o certinho, rico e inteligente, enquanto Augusto é o atrapalhado, pobre e excêntrico. A graça e o riso dessa dupla são adquiridos por serem representações da sociedade, que se opõem e se complementam (BURNIER, 2001):

A função do cômico era entrar em cena após cada apresentação, satirizando e ironizando os números já apresentados; ou apresentar números autorais, tirando sarro da própria plateia. Proporciona-se, assim, tanto um lugar de resistência como alguns momentos de diversão, anestesiando um pouco os problemas existentes individualmente e até mesmo socialmente. (SENA, 2021).

Além dessa dualidade, o cômico surge da ingenuidade (FREUD, 1969), e palhaço se torna um objeto de contemplação humorística pelo espectador. Essas condições fazem com que o paciente reconheça o ator e se identifique com o personagem, devido à humilhação e ao ridículo atribuído àquela imagem:

O público, entretanto, ria mais dos nossos erros e da nossa ingenuidade do que da nossa habilidade interpretativa do texto. Os erros causavam improvisos espontâneos e deixavam-nos num estado de desespero e desconcerto naturais. Na nossa ingenuidade, desconsiderávamos esses momentos, porque achávamos que o certo era que o nosso palhaço devesse se manifestar, e não nós mesmos; por outro lado, abrimos discussões primordiais para o nosso relacionamento cênico. (OLIVEIRA, 2012).

Outra importante contribuição das oficinas ministradas aos extensionistas para a atividade de palhaços de hospital está na formação humanística. A Política Nacional de Extensão Universitária e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Graduação na área de saúde enfatizam a importância da formação de discentes que garanta “a qualidade e a humanização do atendimento prestado aos indivíduos, famílias e comunidades” (BRASIL, 2001, p. 9). A indissociabilidade entre ensino e extensão dá ao estudante o protagonismo de sua formação profissional, obtendo competências necessárias a uma atuação cidadã e consciente de seu papel social, conforme exige a palhaçaria.

Nesse sentido, a humanização em saúde propõe uma noção de cuidado que emerge no encontro entre profissionais e seus pacientes. Ela parte de um olhar diferenciado em relação à pessoa a ser cuidada, enxergando-a como um sujeito que necessita de acolhimento para alcançar uma recuperação satisfatória (CARRIÃO, 2019). As oficinas de capacitação em palhaçaria movimentam esse olhar para a cena do cuidado, quando coloca a empatia como uma importante habilidade requerida para os alunos que serão palhaços de hospital. Para enfatizar seu conceito de empatia, Silva (2019, p. 80) cita Falcone (2008), que entende que “a empatia

tem sido compreendida como uma habilidade social com base em um modelo multidimensional, que corresponde à capacidade que uma pessoa tem de compreender, compartilhar ou considerar sentimentos, necessidades e perspectivas de alguém”. No mesmo sentido, Silva (2019) também compreende que, entre as habilidades e competências necessárias para a formação de acadêmicos que trabalharão na área da saúde, a empatia é uma entre as necessárias para o futuro exercício profissional.

A política nacional de humanização (PNH), lançada em 2003, visa à melhoria da assistência em saúde de forma humanizada e compartilhada entre profissionais de saúde e seus pacientes (BRASIL. HumanizaSUS, 2006). Sendo assim, a humanização supõe o aumento do diálogo e a capacidade de enxergar o outro além de sua condição biológica. Nessa esteira, a atuação de palhaços de hospital favorece o estabelecimento de “vínculos afetivos na relação palhaço doutor e criança hospitalizada diante do cenário vivenciado”. Preparar o aluno extensionista para lidar com esse ambiente, inspirado na figura humanizada do palhaço, cria a possibilidade de ele realizar um bom relacionamento entre o palhaço doutor e seu paciente (SILVA; ROMEIRO, 2016 *apud* SILVA, 2019, p. 86).

Além disso, a dinâmica do palhaço e do paciente possibilita não apenas a humanização e a empatia. Ela também promove a individualidade de cada caso, ou seja, a visualização do indivíduo como um todo, de forma integral. Deve-se ressaltar que a integralidade é um princípio básico do SUS, previsto no art. 7 do 2º capítulo, da lei 18080/1990, que auxilia na promoção do cuidado do indivíduo e da sociedade. Dessa forma, durante as oficinas de palhaçaria, os alunos puderam perceber, pelos relatos de experiências dos palhaços mestres, como as intervenções eram diferentes para cada grupo e para cada pessoa. Elas eram adequadas a depender do ambiente, nacionalidade, estado emocional e idade dos pacientes.

Favorecendo o conceito da integralidade, as atividades propostas e realizadas durante os cursos de capacitação oscilavam entre dinâmicas em grupos e em duplas (Figuras 5 e 6). Percebemos que a individualização é facilitada com as interações pessoais, desde simples conversas até brincadeiras. Jogos de imaginação e atuação facilitaram a percepção do subjetivo de cada integrante.

Figura 5 - Atividade em dupla de olhar nos olhos



Fonte: Acervo das autoras, 2022.

Figura 6 - Brincadeiras em grupo



Fonte: Acervo das autoras, 2022.

Essa avaliação subjetiva é crucial para o doutor palhaço, tendo em vista as práticas realizadas nos hospitais e o contato constante com diversos tipos de emoções pessoais. Por esse ambiente e situação, o palhaço hospitalar utiliza muito os sentimentos de dor e de felicidade, mas esse uso não ocorre apenas para a construção do personagem. Essa transição de emoções também é utilizada com os pacientes, já que a prática visa a transformar a dor em uma outra sensação, desde que traga alívio.

Entre as mudanças de estados emocionais, pode-se dizer que os comportamentos não verbais são os mais perceptíveis durante as intervenções hospitalares. Os pacientes alteram sua postura, geralmente se apresentam menos ansiosos, mais sorridentes e mais relaxados (ALCÂNTARA, 2016). Essa mudança de procedimento também foi percebida durante e após as oficinas de formação em palhaçaria. Extensionistas que se apresentavam introvertidos se adaptaram melhor ao ambiente e se sentiram mais confortáveis com as dinâmicas, segundo seus relatos.

Outros sinais e sintomas também puderam ser percebidos em crianças após o contato com os palhaços de hospitais, como redução no tempo de internação; melhor evolução clínica de crianças com quadros respiratórios; redução de *scores* de dor em procedimentos dolorosos e menor período de choro. (LOPES-JÚNIOR, 2020). Yldirim (2019) afirma que crianças possuem melhor adesão à troca de curativos de queimadura na presença de um palhaço, já que ficam mais comunicativas, menos resistentes e com um melhor humor. Os resultados foram observados durante as visitas dos palhaços do PUC Dá Alegria no Hospital Público Regional

de Betim e na APAE. As crianças mudavam o humor e, por alguns instantes, conseguiam mudar a relação dor e sofrimento para alegria e descontração.

Segundo Daniel Dias Cruz (2016), os palhaços doutores também alteram o comportamento dos profissionais dos hospitais, que acabam se inspirando na desierarquização, rechaçando atitudes agressivas e impositivas. Durante as visitas, os profissionais interagem com os extensionistas do PUC Dá Alegria e entram no processo lúdico. Além disso, há maior interação entre os próprios pacientes, que muitas vezes estão internados no mesmo quarto e não conversam entre si.

As atividades de capacitação em palhaçaria são similares ao aprendizado humanístico das áreas de saúde. Assim sendo, o desenvolvimento interdisciplinar, psicossocial, artístico e ético dos extensionistas deve ser estimulado durante as oficinas práticas, a fim do aprendizado ser condizente com a realidade durante as intervenções hospitalares. O autor João Victor Moreira (2021) ressalta que a palhaçaria hospitalar auxiliou os extensionistas em sua futura formação profissional, já que ficaram mais sensíveis, aprenderam a lidar com o erro, aprimoraram a relação médico-paciente e aprenderam a ressignificar momentos difíceis, como a situação de morte.

Somado a isso, a oficina em palhaçaria hospitalar gera impactos em diversas instâncias. Uma delas é a relação de instituições hospitalares com o projeto de extensão. Elas demonstraram interesse em convidar os alunos capacitados para intervenções breves com os pacientes e funcionários. Além desses convites, a própria Universidade convida o PUC dá Alegria para eventos estudantis. Neles, a comunidade se diverte, um vínculo afetivo é gerado e se aprende sobre interdisciplinaridade e a humanização das relações. Por isso, percebe-se a importância de uma boa formação em palhaçaria, já que os palhaços hospitalares não precisam explicar com palavras sobre suas intervenções, eles utilizam o respeito, a imaginação e a atuação para afetar o público. Esse impacto é o que intriga a comunidade externa sobre o projeto, fazendo-o crescer e receber apoio.

As atividades realizadas durante as oficinas de capacitação em palhaçaria são apresentadas no Quadro 1, e os resultados alcançados durante as oficinas estão listados no Quadro 2.

Quadro 1 - Descrição das práticas realizadas na oficina

Práticas realizadas	Descrição das práticas
Oficina sobre o visual do palhaço de hospital	Nessa aula, havia material que exemplifica brinquedos, vestimentas e maquiagem de um palhaço de hospital. Destacou-se a importância do nariz vermelho e das maquiagens suaves, que devem contornar as linhas de expressões faciais, para aumentar a expressividade do palhaço. Também foram descritas as normas de biossegurança, como usar jaleco e calçado fechado e não se vestir com roupas inadequadas, que expõem o corpo.
Oficina sobre o comportamento do palhaço no ambiente hospitalar	Nessa prática, descreveram como os alunos devem se portar nos hospitais, principalmente durante a interação com os pacientes. Alguns comportamentos devem ser destacados. A exemplo, não é permitido tirar o nariz de palhaço na frente do paciente; é obrigatório sempre pedir permissão para fazer as intervenções, tratar todos com respeito e utilizar a imaginação.
Atividade prática de atuação	Nessa atividade, os alunos se espalharam pela sala e andaram em várias direções. No sinal indicado, todos paravam de andar, se direcionavam ao colega mais próximo e atuavam. As atuações dependiam do comando. “Ser uma flor” e “chorar de forma muito triste” são dois exemplos de atuações propostas.
Atividade de olhar nos olhos	Nessa atividade, os alunos também andavam pela sala e paravam ao sinal indicado. De imediato, os alunos faziam duplas e se olhavam nos olhos. O objetivo é aprender a dar atenção ao outro, ter empatia e perceber as reações que o olhar causa, seja de constrangimento, riso ou seriedade.
Atividade de imaginação	Na imaginação, os alunos utilizaram tanto da imagem quanto da ação para realizarem mímicas. Eles se dividiram em trios ou quartetos e criaram uma história para apresentar, sem o uso da fala, apenas com gestos e expressões faciais. Os demais colegas deveriam adivinhar o teor da história. Essa atividade incentivou a teatralidade.
Batismo dos palhaços	Nesse momento, o palhaço que coordenou a oficina, a partir de uma lista de características pessoais informadas pelo extensionista, batizou cada um com um nome que fazia referência à personalidade, aos gostos e à história de cada um.

Fonte: Elaboração das autoras, 2022.

Quadro 2 - Resultados imediatos e esperados da capacitação em palhaçaria

Oficina em palhaçaria	Resultados
Efeitos imediatos	Individual <ul style="list-style-type: none"> ● Protagonismo nas atividades ● Flexibilidade teatral ● Reconhecimento do nome de palhaço ● Aprendizado com os erros ● Uso da imaginação
	Social <ul style="list-style-type: none"> ● Comportamento em grupo ● Improvisação com a dupla palhaço ● Formação humanística
Efeitos esperados	Individual <ul style="list-style-type: none"> ● Percepção do ridículo do palhaço pela sua forma cômica ● Empatia ● Compaixão ● Altruísmo ● Conforto com atividades em grupos ● Experiência profissional ● Relação entre o profissional de saúde /o paciente
	Social <ul style="list-style-type: none"> ● Aplicação das normas de biossegurança ● Transdisciplinaridade ● Incentivo ao uso da imaginação, pelos pacientes ● Individualização do cuidado ● Relação entre o profissional de saúde / o paciente

Fonte: Elaboração das autoras, 2022.

No quadro acima, é possível visualizar os resultados obtidos e as expectativas. Destaca-se que a maior parte dos efeitos imediatos percebidos são em relação ao estudante e sua dinâmica com os outros alunos, já que a formação em palhaçaria teve suas práticas diretamente com esses grupos. Por serem futuros palhaços de hospital, focou-se no comportamento adequado, na teatralidade e na improvisação com seus colegas. Já sobre os efeitos esperados, há inúmeros tópicos que foram abordados na oficina de capacitação, mas não houve a prática, a primeiro momento, com os membros do hospital. Nesse sentido, estudos qualitativos transversais são adequados para avaliar e confirmar essas expectativas, a fim de notificar, de forma mais precisa, os impactos da palhaçaria no ambiente hospitalar.

Este relato contribui para discussões e reflexões sobre a importância da capacitação para a atuação de futuros profissionais de saúde como palhaços de hospital e para sua formação humanista

Considerações finais

O palhaço é um ser com identidade e personalidade, que observa o mundo de forma diferente, tornando-se cômico por ser ingênuo. A linguagem do palhaço tem peculiaridades que precisam de preparo e conhecimento. Dessa forma, ressalta-se a importância das oficinas de capacitação para aprimorar e facilitar o contato do palhaço com o paciente. O universo da palhaçaria mostra que o palhaço é, na verdade, uma representação de si mesmo e desempenha um papel social e psíquico.

As capacitações fornecem treinamentos e vivências para lidar com situações emocionais peculiares, a fim de não causar danos ao paciente, a si mesmo e aos profissionais do hospital. Por fim, a atuação e a imaginação são fundamentais, uma vez que o palhaço de hospital causa estranheza, por não estar em um ambiente típico, mas ao mesmo tempo causa empatia por parte de pacientes e traz novos sentidos para a experiência da internação hospitalar.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, P. L. *et al.* Efeito da Interação com Palhaços nos Sinais Vitais e na Comunicação não Verbal de Crianças Hospitalizadas. **Revista Paulista de Pediatria** v. 34, n. 4, p. 432-38, 2016.

BRASIL. **HumanizaSUS**: Documento Base para Gestores e Trabalhadores do SUS, 3ª Edição, Brasília-DF, 2006

BRASIL. **Lei 8080/1990**. 2º capítulo, art. 7. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 28 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CES 1133/2001 Homologado. Despacho do Ministro em 01/10/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição. **Diário Oficial da União**, 3/10/2001, Seção 1E, p. 131.

BRASIL. **Política Nacional de Humanização**. Brasília- DF, 2013.

BUHRING, F. L.; KOCHENBORGER, C.; SEBEN, A. A. Resenha Crítica do Filme "Patch Adams - o Amor é Contagioso" e Sua Relação Com a Humanização no Contexto Hospitalar. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**, Ed. 4, 2019.

BURNIER, L. O. **A arte de ator**: da técnica à representação. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CARRIÃO, Gabriel Alves; MARQUES, Jéssica Ribeiro; MARINHO, Jaqueline Luvisotto Marinho. Atenção hospitalar: interatividades por entre constituição histórico-social, gestão e humanização em saúde. **Revista de Gestão e Sistemas de Saúde** – RGSS, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 189-202, maio/ago. 2019.

CATAPAN, S. C. *et al.* Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2019, v. 24, n. 9, pp. 3417-3429. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/1413-81232018249.22832017>>. Epub 09 Set 2019. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018249.22832017>.

DIAS CRUZ, D. A inserção do palhaço no ambiente hospitalar: experiências de um projeto de extensão. **Revista Em Extensão**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 133-140, 2016. DOI: 10.14393/REE-v15n12016_rel06. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/31110>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FERREIRA, A. L. Dançando Com a Solidão: o corpo na palhaçaria e seus afetos. **Revista Cena**, Porto Alegre, n. 35, p. 24-33 jan./abr. 2021.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Ed. IMAGO, 1969.

HANH, T. N. **Sem lama não há lótus**: A arte de transformar o sofrimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

HERMIDA, S. H. **Palhaçaria e psicologia bioenergética no contexto das artes cênicas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Programa de pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ISAACS D. Clowns and clown doctors. **Journal of pediatrics and child health**, v. 57, ed. 12, p. 1844–1846. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jpc.15844>. Acesso em: 28 jun. 2022.

LOPES-JÚNIOR L. C. *et al.* Effectiveness of hospital clowns for symptom management in pediatrics: systematic review of randomised and non-randomised controlled trials. **BMJ**. v. 371, 16 dez. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33328164/>. Acesso em: 28 de jun. 2022.

MOREIRA, J. V. *et al.* A arte do palhaço na educação médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**. v. 45, n. 03, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20200519>. Acesso em 28 de jun. de 2022.

MOTA, G. M. *et al.* A percepção dos estudantes de graduação sobre a atuação do "doutor palhaço" em um hospital universitário. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde** [online]. 2012, v. 25, n. 2, p. 25-32. ISSN: 1806-1222. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40823252006>

OLIVEIRA, D. C. **Formação em palhaço**: Reflexões sobre metodologias de formação de novos palhaços. 2012. Dissertação (Mestrado em Arte). Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

PUC CETTI, Ricardo. **O clown através da máscara**: uma descrição metodológica. "Corpos em fuga, corpos em arte", 01/2007, Editora Hucitec, p. 12, p. 145-156, 2007.

SENA, J. B., OLIVEIRA, N. D. (Trans)formações do palhaço: breve história dos tipos clássicos da palhaçaria. **Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 41, set. 2021.

SILVA, Antonio Fernando Lyra da; RIBEIRO, Carlos Dimas Martins; SILVA JÚNIOR, Aluísio Gomes. Pensando extensão universitária como campo de formação em saúde: uma

experiência na Universidade Federal Fluminense, Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [on-line]. 2013, v. 17, n. 45 [Acesso 24 jun. 2022], p. 371-384. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000200010>>. Epub 28 jun. 2013. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000200010>.

SILVA, Maria Rosa da *et al.* Comportamentos construídos e disseminados no palhaço de hospital. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 27, n. 06, p. 2449-2458. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232022276.13902021>>.

SILVA, Maria Rosa da; SAMPAIO, Josineide Francisco; SANTOS, Ewerton Amorim Santos. O Nível de Empatia de Participantes do Projeto de Extensão Universitária Sorriso de Plantão e sua Contribuição Para a Formação em Saúde. **Revista Contexto & Saúde** –Editora Unijuí – v. 19, n. 36, jan./jun. 2019 – ISSN 2176-7114

SILVA, Wagner Pires. Extensão Universitária: um conceito em construção. **Revista Extensão & Sociedade**. Edição 2020. 2.e-ISSN 2178-6054

YILDIRIM, M. *et al.* The effect of hospital clown nurse on children's compliance to burn dressing change. **Burns: journal of the International Society for Burn Injuries**. v. 45, ed. 1, p. 190–198, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.burns.2018.08.033>. Acesso em: 28 jun. 2022.